

ENTREVISTA NA REVISTA DIGITAL „BERLINDA“

O [6. Creole: Global Music Contest](#) aconteceu em Berlim entre os dias 1 e 3 de Setembro de 2017. Entre os concorrentes seleccionados, estiveram nomes lusófonos como Carlos Dalelane & Band (Moçambique), Conexão Berlim (banda internacional com inspiração na música brasileira) ou Natalie Greffel, artista de origem Moçambicana e Dinamarquesa que vai buscar inspiração à música brasileira.

A BERLINDA teve a oportunidade de conversar com Andreas Weiser, da banda Conexão Berlim

Andreas Weiser - “Conexão Berlin”

“Conexão Berlin” é uma banda de Jazz criada em 2012 com inspiração brasileira. Qual dos estilos mais vos inspira: Bossa Nova, Samba, Chorinho...?

Todos esses estilos brasileiros estão ligados ao conteúdo e a aspectos históricos. Entendemos a nossa música em sua relação com a tradição musical brasileira. Adoramos o poder e a variedade rítmica e harmoniosa da música brasileira. Mas nós vivemos na Europa. Aqui estão nossas raízes. Particularmente após a guerra, a música popular dos EUA, que também incluiu o jazz (antes de ser forçada no gueto acadêmico especialmente na Europa e particularmente na Alemanha), tornou-se parte de uma jovem cultura musical nacional na Europa e também na Alemanha. Agora sentimo-nos ligados a esta tradição de improvisação instrumental e groove, e tentamos combiná-lo com o nosso amor pela tradição musical brasileira, que é ela própria uma mistura de culturas europeias e africanas (como no caso do Choro) com o aumento ocasional de ingredientes indígenas (como Villa Lobos).

Como foi a experiência no 6. Creole - Global Music Contest e como correu o concerto no Werkstatt der Kulturen?

Ficámos muito satisfeitos por termos chegado à seleção final dessa competição. A nossa curta aparição no Creole foi muito divertida! Vimo-la como uma oportunidade para mostrar a nossa música para uma audiência que normalmente não é parte do nosso

público, e provavelmente não tem notícias do nosso grupo, composto por músicos com carreira consagrada a nível europeu. Mas, na verdade, acho o caráter competitivo de tais eventos bastante questionável. As diferenças estilísticas durante esses três dias foram tão grandes que não consegui ver comparações de concorrência. Mas a atuação foi importante para mim e para nós. Foi uma pena, é claro, que tivéssemos apenas 20 minutos de tempo para competir. A nossa música é orientada para o groove e é baseada na improvisação, portanto leva tempo para desenvolver sua força total.

Que planos têm para o futuro da “Conexão Berlim”?

Concertos, claro! Tanto quanto possível e, se possível, em festivais pequenos, médios e até maiores na Alemanha, Europa e também em todo o mundo. Uma tarefa muito difícil. A cena dos festivais alemães na área do jazz está muito fechada. Para conquistar um lugar, são necessários os contatos certos e há que os conseguir primeiro! Mas estamos a trabalhar nisso. O que precisamos é de uma gestão razoável, nomeadamente, booking! Como todos os músicos sabem, é o calcanhar de Aquiles de qualquer projeto! Até agora eu administro tudo sozinho. Mas isso não é sustentável a longo prazo, especialmente quando vivo de forma freelance e com muitos projetos diferentes (composições de música para filme, outros projetos de banda, peças de rádio, etc.). Mas agora estou confiante de que, com essa banda, podemos encontrar alguém que esteja conosco, reconheça as qualidades de destaque deste projeto e nos apoie. Acabamos de ser nomeados com o CD "Jazz CD der Woche" pela NDR INFO. Isso já é algo! O meu amigo trompetista japonês e professor de Berkeley, Tiger Okoshi, fará contatos no Japão. Tenho um convite para um festival no Brasil em 2018 e estou a fazer contatos para uma nova tour. Se resultar, o grande saxofonista Carlos Malta do Rio de Janeiro será nosso convidado. Existe um plano da embaixada alemã em Belgrado para nos levar à Sérvia. No entanto, até então ainda não tinham acertado a parte financeira. E temos bons contatos para um ótimo festival na Malásia. Vamos ver. A resposta esmagadora do nosso público a todos os nossos shows me diz que estamos no caminho certo. Nós fazemos música emocional que entra nas pernas sem esquecer a cabeça.

Por fim, uma pergunta sobre o seu percurso profissional: escrita, composição musical, fotografia, percussão - todas fazem parte do seu currículo. Como concilia tantos interesses diferentes no seu dia-a-dia?

Boa pergunta! E não é raro fazerem-ma! Eu também mo pergunto às vezes! Mas eu nunca fui uma pessoa que se especializou numa função procurando apenas cumprir a sua realização. Estudei história, literatura e filosofia, e iniciei-me na percussão e a partir daí comecei a mergulhar mais profundamente na música. Sempre me interessei e inspirei por aspectos muito diferentes do mundo e da arte. Goethe e Humboldt são modelos para mim antes de Lang Lang por exemplo (mas talvez eu esteja errado nisso). Mas admiro profundamente os músicos, como meus colegas de banda Tino e Thomy, que são artistas incrivelmente disciplinados, criativos e virtuosos no seu campo. Thomy também fala excelente japonês e trabalha como tradutor profissional. Louco! Eu mesmo tenho uma imagem holística do mundo. Acredito que tudo está ligado a tudo. O meu signo é peixes. Talvez por isso seja relativamente fácil para mim descobrir coisas sobre fantasia e emoção e abordá-las. Sempre fui muito curioso. No entanto, eu tenho e me reivindico as várias coisas que faço para operar em um nível alto e não fico na superfície. Nenhuma coisa fácil que às vezes me coloca sob estresse. Há dois anos, tive um ataque cardíaco pesado e só sobrevivi com muita sorte e ajuda de muitas pessoas. Desde então, tento viver da minha maneira, criar e trabalhar o máximo que puder, tentando evitar da melhor forma possível o stress desta forma de trabalhar.